

A guerra do Paraguai e a construção da imagem de uma voluntária da pátria: o caso Jovita Alves Feitosa (1865-1867)*

Johny Santana de Araújo¹

Universidade Federal do Piauí UFPI

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro IHGB - Brasil

Recepción: 14/05/2021

Evaluación: 12/07/2021

Aprobación: 17/02/2022

Artículo de Investigación e Innovación

 <https://doi.org/10.19053/20275137.n25.2022.12835>



Resumo

O presente artigo pretende mostrar como em meados de 1865, o presidente da Província do Piauí Franklin Américo de Meneses Dória auxiliado pelos jornais atuou no sentido de construir uma imagem de heroína da voluntária Jovita Alves Feitosa, a fim de promover o alistamento de homens para as forças armadas do Império do Brasil em guerra contra a República do Paraguai. Procuramos compreender por meio da análise documental, dos periódicos da época, de um texto biográfico escrito em sua homenagem, e com auxílio de uma bibliografia, sobre como ocorreu sua incorporação ao Exército, qual a atuação dos jornais na época, e como se deu a sua viagem até a Corte no Rio de

* História e a Historiografia Piauiense, contribuições e abordagens sobre a construção do Estado Nacional Brasileiro entre o Império e a Primeira República; Institución UFPI. Financiación: Pesquisa financiada por bolsa produtividade da UFPI.

1 Doutor em História Social, publicações: «O jornal Publicador Maranhense e a construção da guerra do Paraguai 1865-1868». *Revista Outros Tempos*; «A batalha de Cuito Cuanavale 1987-1988: A guerra pela sua memória». *Revista Tempo e Argumento*; «Festa na Província do Piauí: o retorno do Corpo de Voluntários da Pátria da Guerra do Paraguai em 1870». *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*.

✉ johny@ufpi.edu.br  <https://orcid.org/0000-0003-3082-1785>.

Janeiro. Foi possível perceber como efetivamente a intensa propaganda construída em torno da voluntária conseguiu dividir a sociedade da época, se colocando a favor e contra o seu alistamento ao tempo em que paradoxalmente os mesmos jornais acabariam explorando a notícia de sua morte, ocorrida no ano de 1867 por questões passionais, dois anos após a sua apoteótica chegada ao Rio de Janeiro.

Palavras-chaves: Guerra do Paraguai. Jornais. Propaganda. Jovita Feitosa.

La guerra de Paraguay y la construcción de la imagen de una voluntaria de guerra: el caso de Jovita Alves Feitosa (1865-1867)

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo mostrar de qué forma, a mediados de 1865, el presidente de la provincia de Piauí, Franklin Américo de Meneses Dória, ayudado por los periódicos, actuó para construir la imagen de la heroína voluntaria Jovita Alves Feitosa, con el fin de promover el reclutamiento de hombres para las fuerzas armadas del Imperio de Brasil en la guerra contra la República de Paraguay. Buscamos comprender, mediante el análisis documental de un texto biográfico escrito en su honor en los periódicos de la época, y con la ayuda de una bibliografía, cómo se produjo su incorporación al Ejército, cuáles fueron las actividades de los periódicos de la época, y cómo se realizó su viaje hasta la Corte de Río de Janeiro. Se constató a partir de lo anterior, que la intensa propaganda construida en torno a la voluntaria consiguió dividir a la sociedad de la época, situándose a favor y en contra de su reclutamiento, al mismo tiempo, y paradójicamente, los mismos periódicos acabarían aprovechando la noticia de su muerte, ocurrida en el año 1867 por cuestiones pasionales, dos años después de su apoteósica llegada a Río de Janeiro.

Palabras clave: Guerra de Paraguay, Periódicos, Propaganda, Jovita Feitosa.

The Paraguayan war and the construction of the image of a war volunteer: The case of Jovita Alves Feitosa (1865-1867)

Abstract

The present article aims to illustrate how, in mid-1865, the president of the Piauí province, Franklin Américo de Meneses Dória, with the help of newspapers, acted to build the image of the voluntary heroine, Jovita Alves Feitosa. This was with the intention of recruiting more men into the armed forces of the Brazilian Empire in the war against the Republic of Paraguay. By means of the documental analysis of a biographical text written in her honor in the newspapers of the time, and with the aid of a bibliography, it is sought to understand how she joined the army, what the activities of the newspapers of the time were, and how her trip to the Court of Rio de Janeiro transpired. From this, intense propaganda was identified, which was built around her character, and came to divide the society of the time either in favor of or against her recruitment. At the same time, and paradoxically, the same newspapers would end up taking advantage of the news of her demise, which occurred in 1867 due to a crime of passion, two years after her turbulent arrival in Rio de Janeiro.

Keywords: Paraguayan war, newspapers, propaganda, Jovita Feitosa.

La guerre du Paraguay et la construction de l'image d'une volontaire de guerre: Le cas de Jovita Alves Feitosa (1865-1867)

Résumé

Cet article se propose de montrer comment, vers 1865, le président de la province de Piauí, Frankiln Américo Meneses Dória, à l'aide des journaux, a agi pour construire l'image de l'héroïne volontaire Jovita Alves Feitosa, et ce afin de promouvoir le recrutement d'hommes pour l'armée de l'Empire du Brésil dans la guerre contre la République du Paraguay. On cherche

à comprendre, suivant l'analyse d'un texte biographique écrit à propos d'elle dans les journaux de l'époque, comment s'est produit son incorporation à l'armée, quelles ont été les activités de ces journaux comment s'est fait son voyage jusqu'à la Cour de Río de Janeiro. On a constaté que l'intense propagande construite autour de cette volontaire a réussi à diviser la société de l'époque entre ceux qui était pour ou contre son recrutement, alors que les journaux allaient profiter par après de sa mort, suite à un crime passionnel survenu en 1867, seulement deux ans après son apothéotique arrivée à Río de Janeiro.

Mots-clés: Guerre de Paraguay, journaux, propagande, Jovita Feitosa.

1. Introdução: Os jornais da Província do Piauí e a Guerra do Paraguai em 1865

No início de 1865, a guerra contra a República do Paraguai era uma realidade esperada em muitas províncias do Império²; na Província do Piauí, não poderia ser diferente, pois os jornais possuíam um respeitável poder de mobilização³. Tanto que serviam de instrumento de divulgação e interesse das decisões do governo provincial e, naquele momento, representavam os interesses do Estado imperial, tendo-se em vista que o partido da situação era o Liberal.

Desde as intervenções no Prata, que culminaram com a derrubada de Juan Manuel Rosas em 1852, passando pela questão Christie em 1863, até a intervenção no Uruguai em 1864, os jornais tiveram grande desempenho no fortalecimento do Estado Imperial. Em 1864, com a declaração de guerra feita pelo Paraguai, a invasão da Província do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, o papel desempenhado nos jornais, a fim de convencer

2 A historiografia sobre o conflito é muito ampla e se divide em períodos bem definidos, para uma maior possibilidade de leitura e compreensão sobre as análises a respeito do conflito. Cf.: Mário Maestri, «A guerra contra o Paraguai: História e Historiografia: da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]», *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, Colloques, n° 1 (2009): 1-29, doi: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.55579>.

3 Sobre a importância dos jornais como fonte histórica cf.: Jean-Jacques Becker, «A opinião pública», in *Por uma história política*. 2, ed. René Remond (Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003), 185-197.

a opinião pública, foi bastante significativo nas províncias do Império, bem como na Província do Piauí.

Na cidade de Teresina, as notícias provocavam, de certa maneira, uma tempestade de expectativas sobre a atuação da política do governo imperial na região do Prata⁴. A divulgação das operações militares realizadas no Uruguai, já preparava a população para uma maior mobilização, posto que outro ator político havia aparecido, o Paraguai⁵.

O apoio proporcionado pelos jornais traria um fator de grande importância naquele momento, pois a divulgação da política do Império com a possibilidade de desdobramento maior da campanha militar que já acontecia no Uruguai, possibilitou a ampliação do contingente do Exército que, naquele momento, ainda era pequeno, pouco mais de 17.000 homens. Com a guerra contra o Paraguai, fez-se necessária a mobilização da população para engrossar o Exército⁶.

Ainda em fins de 1864, em relatório oficial, o então Ministro dos Negócios da Guerra, Visconde de Camamu, ressaltou a grande afluência de voluntários que se alistaram no Exército, pois, «de todos os pontos do Império, concorrem os cidadãos, oferecendo-se para marchar em corpos de Voluntários ou Guardas Nacionais; um só ainda se não recusou ao sacrifício que a nação exige [...]»⁷.

4 O Império havia iniciado, em fins de 1864, uma intervenção militar no Uruguai visando restabelecer sua influência política no país, o Partido Blanco no poder e o presidente Bernardo Berro eram contrários ao Império, alegavam que o Uruguai estava sendo constantemente ameaçado pela invasão de fazendeiros do Rio Grande do Sul. Em contrapartida, os fazendeiros da Província do Rio Grande do Sul alegavam que também sofriam com invasões constantes dos uruguaios ligados ao partido Blanco, para Moniz Bandeira o Império não procurava equilíbrio, mas impor sua hegemonia na região do Prata por meio de uma «guerra vitoriosa». Ver: Luiz Alberto Moniz Bandeira, *A expansão do Brasil e a formação dos Estados na bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai (Da colonização à Guerra da Tríplice Aliança)* 4. ed. (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012), 199.

5 Sobre o papel dos jornais na divulgação da Guerra do Paraguai, ver: Mauro César Silveira, «Os múltiplos papéis do jornalismo brasileiro na guerra contra o Paraguai», *Historiae* vol. 5, nº 1 (2014): 213-236.

6 Sobre o quantitativo de forças do Exército Imperial em 1864: Augusto T. Fragoso, *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai* (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2009. v. 5).

7 Relatório do Ministério de Estado dos Negócios da Guerra do Império do Brasil de 1864, 4.

Esse grande afluxo se explica pela crença de que a guerra seria rápida, e as vantagens seriam muitas, tornando o serviço militar atraente, principalmente a população mais pobre, e que, de alguma forma, se viu arrebatada pelo discurso propalado nos jornais que circulavam pela cidade. Por outro lado, Doratioto afirma que «outros, porém, delas abriram mão, e comprovaram o caráter realmente voluntário de sua ida para a guerra»⁸. Esse caráter nasceu de um sentimento sincero, pois ainda, segundo Doratioto, «na verdade, a apresentação de voluntários correspondeu ao clima de indignação contra a agressão paraguaia»⁹. Tais interpretações são corroboradas por uma historiografia mais recente sobre a luta que nos apresenta uma infinidade de possibilidades para compreender a dimensão real e simbólica da guerra através da leitura e reinterpretação de documentos diversos dentre os quais os jornais. A presença de novos atores que antes não tinham vez e nem voz, com um notável grau de protagonismo, homens simples, libertos e mulheres se fazem representar nos trabalhos de Baratta, Johansson, Richard; Capdevila; Capucine, Squinelo, e Whigham¹⁰, e aliam-se a tantos outros pesquisadores que discutem a guerra a partir de diversas questões, e novos olhares sobre os múltiplos atores, desde os grandes comandantes aos mais simples combatentes, que nos trazem o relato das complexidades de uma sociedade envolta em um conflito pela construção dos estados nacionais na América do Sul. A personagem Jovita igualmente pode ser compreendida como um fio condutor de análise a partir da proposição metodológica trabalhada por Carlo Ginzburg, segundo o qual, «A análise micro-histórica (...) movendo-se numa

8 Francisco Fernando M. Doratioto, *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai* (São Paulo: Companhia das Letras, 2002), 117.

9 Doratioto, *Maldita guerra...*, 17.

10 MariaVictoria Baratta, *La Guerra del Paraguay y la construcción de la identidad nacional* (Buenos Aires: Editorial SB, 2019), 18-207. Maria Lucrecia Johansson, *La gran máquina de publicidade: Redes transnacionales e intercambios periodísticos durante la guerra de la Triple Alianza (1864-1870)* (Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía, 2017), 23-349. Nicolas Richard, Luc Capdevila y Capucine Boidin, ed., *Les guerres du Paraguay aux XIXe XXe siècles* (Paris: Colibris, 2007), 11-600. Ana Paula Squinelo, *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...: ensino, memória e história de um conflito secular* (Campo Grande: UCDB, 2002), 1-144. Ana Paula Squinelo, org., *150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai* (Campo Grande: Ed. UFMS, 2016, Vol. I, II). Thomas Whigham, *The Paraguayan War: causes and early conduct*, 2nd ed. (Calgary: University of Calgary Press, 2018), 8-520.

escala reduzida, permite em muitos casos uma reconstituição do vivido impensável noutros tipos de historiografia»¹¹.

Quanto a narrativa da guerra, quando a campanha no Uruguai tomou um termo em dezembro de 1864, o confronto contra o Paraguai ia começar, foi emitido pelo então Conselheiro Francisco Furtado, no início de 1865, o decreto 3.371 dos Voluntários da Pátria e os jornais tiveram uma importância crucial na construção da ideia da guerra e do voluntariado, divulgando-o em janeiro de 1865¹².

Ao iniciar o conflito com o Paraguai, graças ao apoio de grande parte da imprensa, o Império brasileiro passou a conduzir a opinião pública, por meio de intensa propaganda da guerra, consistindo em uma verdadeira preparação psicológica de corações e mentes. Em todas as províncias, do Norte ao Sul, eram divulgadas as notícias da situação política no Prata, as decisões do governo, e a própria opinião dos editores faziam-se presentes na escrita dos jornais.

Na capital da Província do Piauí, os jornais em grande medida eram representativos de suas agremiações políticas e faziam intensa divulgação da guerra, quais sejam, o Jornal *Liga e Progresso*, que representava os interesses da liga progressista e tinha como principal editor o jornalista Deolindo Moura; o Jornal *A imprensa*, que era órgão representativo do partido liberal, fundado pelo mesmo Deolindo Moura, que era o seu editor e tinha como um dos principais redatores David Caldas; e o Jornal *O Piauihy*, que representava os interesses do partido conservador. Seu fundador e principal articulador era o jornalista Antônio Coelho Rodrigues¹³.

Esses jornalistas e seus periódicos foram exemplos de dedicação da empresa jornalística na mobilização da Província do Piauí a causa da mobilização para a guerra. De acordo com

11 Carlo Ginzburg, *A microhistoria e outros ensaios* (Lisboa: Difel, 1989), 178.

12 Decreto 3.371/1865 de 7 de janeiro de 1865, Coleção de Leis do Império do Brasil, 5 v. 1 pt I

13 Sobre os jornais no Piauí do século XIX, ver: Celso Pinheiro, *História da imprensa no Piauí*, 3. ed. (Teresina: Zodíaco, 1997), 11-255.

Anísio Brito, «no início da guerra, [...] o partido liberal, que, pela *Imprensa*, incontestavelmente era o melhor órgão de publicidade do Piauí de então, fez a propaganda em prol da guerra, despertando as energias cívicas da comunhão social»¹⁴.

Em 1865, O Jornal *Liga e Progresso* divulgava a notícia do início da conflagração entre o Paraguai e o Brasil. Em sua página 2, dava ciência dos acontecimentos propalados pelo governo da República do Paraguai, como por exemplo, ao tomar o navio *Marquês de Olinda*, que viajava em direção à Província do Mato Grosso¹⁵.

No período de 1865 a 1869, esses jornais reproduziam os discursos das camadas dirigentes e beneficiavam-se dessa proximidade, no que diz respeito aos seus interesses mercantis. Os periódicos consolidaram-se como voz do governo imperial e provincial e, como tal, é possível avaliar a sua importância como aparelho de propagação do discurso do Estado com fins de promover a propaganda de guerra¹⁶.

A divulgação da guerra e a propaganda para instituir o alistamento foram amplamente disseminadas pelo Governo Provincial; um dos exemplos de propaganda refere-se à construção da imagem de grande patriota de uma Voluntária da Província do Piauí: —Jovita Alves Feitosa. Essa ideia foi exaustivamente trabalhada pela mídia, à época, estabelecendo um estereótipo ideal de heroína nacional, como veremos adiante.

Os referidos jornais foram instrumentos de fortalecimento ao governo imperial, sendo vozes de apoio a causa da Guerra do Paraguai no Piauí, insuflando, de forma considerável, o voluntariado através da propaganda da guerra. Os editoriais apoiavam a Monarquia e seu representante, o Imperador D.

14 Anísio Brito, *Contribuição do Piauí a Guerra do Paraguai* (Teresina: Comepi, 1931), 13.

15 «Marquês de Olinda», *Liga e Progresso*, Teresina, PI, 31 de janeiro de 1865, 2.

16 Durante o Império, é possível verificar uma absoluta liberdade de expressão, graças a ação pessoal do imperador Pedro II. Ver: José Murilo de Carvalho, *D. Pedro II*, Coleção Perfis brasileiros (São Paulo: Cia das Letras, 2007), 1-296. Sobre o jornalismo durante o Segundo Reinado ver: Ana Luiza Martins e Tania Regina de Lucca, *História da Imprensa no Brasil* (São Paulo: Contexto, 2008), 1-304.

Pedro II, fortalecendo o regime monárquico em uma província que, desde o período colonial, foi uma região de relativa importância econômica, por ser produtora de carne e algodão¹⁷.

2. O presidente Franklin Dória e a promoção da Guerra do Paraguai

Governava a Província do Piauí Franklin Américo de Meneses Dória, que pode ser considerado um típico membro da elite imperial, cuja formação foi influenciada pelo sentido pedagógico e pela percepção da história que orientaram sua ação política, o que não difere dos muitos e perspicazes servidores do Estado Imperial Brasileiro¹⁸.

A administração de Dória foi marcada pelo intenso esforço para organizar tropas do Piauí para a guerra, e transcendeu as expectativas, ao fazer uso da propaganda e ao utilizar para isso um ícone, uma figura tornada digna representante da causa militar, a jovem Jovita Alves Feitosa. A manipulação dos meios de comunicação representava então um ônus de comando político, cujas consequências somente seriam divididas com os acontecimentos vindouros, ou seja, com a responsabilidade na condução do voluntariado e do alistamento para a guerra.

A presidência de Dória representou, um marco no tocante à forma de condução de uma campanha, marcada pela propaganda e pelo forte apelo de sentimento nacionalista, que serviu, de certo modo, como modelo de campanha, como também representou o exemplo adotado pelo governo imperial na sua ampla mobilização pela causa da guerra.

Jovita apareceu para o presidente da Província do Piauí em um momento-chave, exatamente quando começou a ocorrer um leve declínio na apresentação de voluntários, principalmente guardas nacionais, que não se viam totalmente atraídos pelo discurso da guerra. Compunham uma camada agregada aos

17 Teresinha de J. M. Queiroz, *Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo* (Teresina: EDUFPI, 1998), 25.

18 Ver A biografia de Franklin Dória: Pedro Calmon, *Franklin Dória, Barão de Loreto* (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981), 1-233.

fazendeiros locais, muitos guardas temiam perder a proteção de seus senhores e deixar suas famílias, até quando foram designados e iniciaram um processo de resistência¹⁹.

Sobre a composição dos voluntários, Doratioto afirma que, «em 1865, a maior parte dos soldados brasileiros que foi para o teatro de guerra vinha das províncias do Norte e do Nordeste do Império. Essa tropa sofreu com a mudança rápida de temperatura de um ambiente quente para o frio intenso [do] inverno no rio da Prata [...]»²⁰. Tais condições fizeram com adoecessem, além de que, de acordo com Pereira da Costa «[...] a qualidade da alimentação, sendo quase sempre carne fresca, e o uso da água d'aquelles rios, foram causas muito poderosas para apparecerem taes enfermidades»²¹. A divulgação dessa dura realidade chegava às províncias, e certamente começou a enfraquecer a vontade dos candidatos a «voluntários» do Exército Imperial.

O plano de invasão do Paraguai, elaborado pelo então Marquês de Caxias, por solicitação do Ministro da Guerra, Beaurepaire Rohan, exigia uma força de 50.000 soldados²². Portanto, um número muito superior ao que já havia sido

19 Para compreender a dinâmica da Guarda Nacional desde a sua criação, ver o trabalho de Jeanne Berrance de Castro, *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850* (São Paulo: Brasiliense, 1977), 13-262. Sobre o recrutamento da Guarda Nacional na segunda metade do século XIX, cf.: Fabio Faria Mendes, *Recrutamento militar e construção do Estado no Brasil Imperial* (Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010), 11-174. Para compreender especificidades regionais da Guarda nacional e sua relação com os senhores, ver: Denise Moura, «A farda do tendeiro: Cotidiano e recrutamento no Império», *Revista de História Regional* vol. 4, nº 1 (1999): 37-55. Sobre as questões de proteção e «clientelismo» cf.: Richard Graham, *Clientelismo e política no Brasil do Século XIX* (Rio de Janeiro: UFRJ, 1997), 1-542. Sobre a designação para a guerra do Paraguai e a resistência dos guardas nacionais, ver os textos: Miqueias H. Mugge, «Antes do mito: Soldados-cidadãos da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul (1850-1873)», *Vária História* vol. 34, nº 64 (2018): 123-164, doi: <https://doi.org/10.1590/0104-87752018000100005>. Flávio Henrique Dias Saldanha, «Deus é grande, mas o mato é ainda maior: o recrutamento militar no Brasil imperial», *Locus, Revista de História* vol. 16, nº 2 (2010): 175-201, <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/viewFile/1058/901>.

20 Doratioto, *Maldita guerra...*, 117.

21 Francisco Felix Pereira da Costa. *História da Guerra do Brasil contra as Repúblicas do Uruguai e Paraguay* (Rio de Janeiro: Livraria de A. G. Guimarães & C. 1870. v. II).

22 Doratioto, *Maldita guerra...*, 118.

mobilizado. Isso fez com que houvesse uma pressão maior, tanto para o voluntariado, quanto para a designação de Guardas Nacionais, e para reativar o recrutamento indiscriminado²³.

Em agosto de 1865, quando Jovita partiu com o 2º Corpo de Voluntários, a ofensiva paraguaia estava começando a declinar ou dava sinais que iria fracassar. Em 11 de junho, a esquadra brasileira havia destruído o grosso da esquadra paraguaia na batalha de Riachuelo. O ataque do Exército paraguaio ao Rio Grande do Sul até resultou na captura de Uruguaiana, em 5 de agosto, mas em 17 de agosto, aconteceu a batalha de Yataí em solo argentino, com vitória aliada, e o Exército brasileiro cercou as forças paraguaias do General Estigarribia em Uruguaiana; e, em 18 de setembro, ocorreu a rendição dos paraguaios ao Exército imperial, na presença do Imperador D. Pedro II, o voluntário número um²⁴. Esse era o quadro da guerra. A população oscilava entre a indignação pela invasão do território e a incerteza do futuro da guerra, pois, de acordo com o tratado da Tríplice Aliança, o Paraguai deveria ser invadido²⁵.

Na Província do Piauí os jornais se juntariam a outros periódicos das cidades de São Luís, Fortaleza, Recife, Salvador, e da Corte, a fim de promover a causa do alistamento para a guerra, tomando como referência a voluntária Jovita Alves Feitosa. Seus lugares de fala não estavam tão distantes, e alguns de seus redatores e editores ocupariam espaços comuns como Antônio Coelho Rodrigues que havia dirigido *O Piauí*, e mais

23 Cf.: «Ofícios do Ministério dos Negócios da Guerra/Ministério dos Negócios da Justiça», Ofício nº 34 da 1ª Diretoria Geral, 1ª Seção do Ministério dos Negócios da Guerra, de José Antonio Saraiva a José Thomaz Nabuco de Araújo. Rio de Janeiro 21 de julho de 1865, Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Rio de Janeiro – Brasil, *Coleção Senador Nabuco*, Lata 372, pasta 19.

24 Em 1865, pouco antes de ir a Uruguaiana para acompanhar o cerco ao Exército paraguaio, D. Pedro II se deixou fotografar como Voluntário da Pátria e declarou-se voluntário número 1. Ver: Lilia Moritz Schwarcz, *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 624).

25 Ver tratado da Tríplice Aliança, especialmente o artigo 6º: Relatório do Ministério da Repartição dos Negócios Estrangeiros do Império do Brasil de 1871A - Anexo I, Tratado de Aliança Offensiva e Defensiva entre o Brasil e as Repúblicas Argentina e Oriental do Uruguay contra o governo do Paraguay, 15-28.

tarde iria para o importante periódico da Corte, o *Jornal do Commercio*.

Durante a Guerra do Paraguai, o processo de difusão da notícia foi de grande importância para a publicidade da guerra. Levando-se em consideração que parte da sociedade da província era analfabeta²⁶, e boa parte da ampliação das notícias se constituía nas conversas dos diversos sujeitos que viviam na urbe, nos cochichos das ruas, dos boatos, comuns, em um momento no qual a oralidade era muito forte e se complementava pela escrita das informações trazidas pelos jornais que circulavam na província, mesmo que alguém não soubesse ler, havia os circuitos de comunicação «que incluem formas de sociabilidades e indica a transmissão de uma informação a outro e a outros, numa rede infinita de transmissão oral»²⁷.

A mensagem partia de um leitor que era ávido por notícias de jornais, e ele, o leitor, as expandia por meio de leitura nas rodas de conversa; isso acabou contribuindo para acelerar a vontade dos piauienses em relação ao conflito, o seu apoio à causa e aos desígnios do Império e de sua «missão civilizadora»²⁸.

Jovita não imaginava que seria objeto da propaganda jornalística e de seu poder de mobilização. Franklin Dória soube se apropriar de sua atitude perante a situação de guerra em que o país estava, e em um momento no qual os homens começavam

26 Marco Morel e Mariana Barros consideram que o analfabetismo não representava nenhum impedimento para a compreensão da mensagem publicada nos jornais. Cf.: Marco Morel e Mariana Monteiro de Barros, *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX* (Rio de Janeiro: DP&A, 2003), 45-46.

27 Marialva Barbosa, *História cultural da imprensa. Brasil 1800-1900* (Rio de Janeiro: Mauad X, 2010), 30.

28 A noção de civilização era muito trabalhada por memorialistas Cf.: Dionísio Cerqueira, *Reminiscência da campanha do Paraguai, 1865-1870* (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980), 80. Pela historiografia oficial brasileira. Paulo de Queiroz Duarte, *Os voluntários da pátria na guerra do Paraguai* (Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981), 280. Frago, *História da Guerra...*, 120. Para uma análise mais profunda, ver: Francisco Alambert, «Civilização e barbárie, história e cultura - representações literárias e projeções da Guerra do Paraguai nas crises do segundo Reinado e da Primeira República», in *Guerra do Paraguai: 130 anos depois*, ed. Maria Eduarda Castro Magalhães Marques (Rio de Janeiro: Relume Dumará 2. ed, 1995), 83-96.

a recusar o serviço militar, algo que era de domínio masculino. E uma mulher se alistava para a guerra. Deste modo, ao fazê-lo, era inserida simbolicamente em um mundo que era dos homens; logo, deveria servir como exemplo e inspirar os demais a servir ao país.

3. «O anjo dos Voluntários do Norte»: a ação dos jornais na fabricação da imagem de Jovita Alves Feitosa

Com a guerra contra o Paraguai iniciada, os jornais da Província do Piauí começaram a divulgar o surgimento de voluntários, quando não acontecia sua própria apresentação à sociedade, como forma de incentivar o discurso de mobilização. Foi assim que, no dia 08 de julho de 1865, aquela que seria uma das maiores causas de propaganda jornalística, naqueles dias de mobilização, apareceu. Trata-se da Voluntária Jovita Alves Feitosa, que ia seguir viagem para a guerra com os 460 Praças do 2º Corpo de Voluntários do Piauí, futuro 39º Corpo de Voluntários da Pátria.

Jovita Alves Feitosa, dezessete anos, era uma jovem cearense de família simples. Vestida de homem, cortou os cabelos e apresentou-se, incógnita, no Piauí, alistando-se, mas foi logo descoberta. Na feira, uma cabocla observou que o rapaz do Ceará tinha as orelhas furadas; curiosa, apalpou-a; e saiu gritando que aquele rapaz era mulher. Prenderam-na, e o Chefe de Polícia José Manoel de Freitas a interrogou²⁹.

Chamava-se na verdade Antônia Alves Feitosa e tinha por apelido Jovita. Sua história chegou aos jornais e está virou notícia. Ela havia sido engajada pelo então Presidente da Província do Piauí, Franklin Américo de Meneses Dória, que, certamente, lembrara-se de Maria Quitéria, na Guerra de Independência.

²⁹ O texto de Visconde Coaracy, que assinava o pseudônimo de Damião de Góes, relata todos os detalhes do interrogatório e as informações da vida pessoal de Jovita. Ver: Damião de Góes, *Traços biográficos da heroína brasileira Jovita Alves Feitosa, ex-sargento do 2º Corpo de Voluntários do Piauí, natural do Ceará – por um fluminense* (Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de Brito & Irmão, 1865), 9-48.

São desconhecidas as razões de Jovita ter-se alistado, mas é certo que a divulgação sobre a guerra chegou até ela, e o seu desejo por ir lutar no Paraguai nos remete a compreensão do estereótipo apontada por Walnice Nogueira da donzela-guerreira, que acreditamos que a personifica, cuja acepção define as seguintes características a tais figuras, «filha de pai sem concurso de mãe»³⁰, cujo destino «é assexuado, não pode ter amante, nem filho»³¹. Quase sempre é filha única ou mais velha, por vezes a mais nova, de pai sem filhos varões. Ela corta os cabelos, usa vestimentas masculinas, aperta os seios e os quadris, abandona as fraquezas femininas, não é faceira, é esquivada, e procura escapar as intimidades com homens.

O ato de cortar os cabelos, evidencia sua integração ao universo masculino. E de acordo com Nogueira, a donzela-guerreira se destacaria ainda pela pureza e fragilidade intrínseca a sua meninice à qual se associam a ela a força moral e a agressividade de um guerreiro. Sua predisposição a luta tem como fruto uma vingança pessoal que a induz a agir a favor do seu grupo. Jovita é carregada de uma rudeza intrínseca ao um mundo violento do sertão, estes são elementos poderosos que constituíram o seu universo.

Jovita pode ser comparada a guerreira medieval Joana d'Arc, a já citada Maria Quitéria, e a Anita Garibaldi, cujas narrativas haviam produzido um forte legado de inspiração nacionalista, a infortunada Jovita Feitosa seria um exemplo concreto de inspiração ao Brasil do século XIX, assim como Joana d'Arc havia sido na França da guerra dos cem anos, a própria Jovita chegou a ser chamada de Joana d'Arc brasileira.

O seu lugar na historiografia das heroínas nacionais pode ser comparado a personagens coevas como Maria Francisca da Conceição, conhecida como «Maria Curupaiti» que acompanhou o marido até o campo de batalha e durante a campanha se envolveu nos combates, bem como a Ana Nery que se dedicou a

30 Walnice Nogueira Galvão, *A donzela-guerreira: um estudo de gênero* (São Paulo: Senac, 1998), 11.

31 Apesar dessa caracterização, certos elementos não se enquadram a Jovita, como o fato de não ter seguido para a guerra e o seu fim envolver questões passionais.

organizar os serviços de saúde na retaguarda das forças aliadas. A Ludovina Portocarrero, esposa do comandante do Forte de Coimbra, que resistiu a investida do exército Paraguaio até sucumbir em 1865. A Dona Senhorinha, companheira do Guia Lopes, do episódio da retirada da Laguna³². Mas para além do Brasil nos demais países envolvidos, também se encontram exemplos que precisam ser estudados³³.

No Brasil, o feito de Jovita acabou sendo extensamente trabalhado pelos jornais, tornando-se comentário de diversos observadores:

Apresentou-se nesta cidade uma interessante rapariga de 18 anos de idade, de tipo índio, natural de Inhamuns, vinda de Jaicós, desta Província, trajando vestes de homem rude, e ofereceu-se ao Exmo. Presidente como ‘voluntário da pátria’. Aceito como tal, é, pouco depois, na rua ou na casa do mercado, descoberto o seu sexo; é levado à polícia e interrogado. Confessa o seu disfarce, e envergonhada – chora, porque teme não poder mais seguir o seu intento, e pede encarecidamente que a aceitem como voluntário. Seu maior desejo, diz ela, é bater-se com os monstros que tantas ofensas tem feito às suas irmãs de Mato Grosso; é vingar-lhes as injurias ou morrer nas mãos desses tigres sedentos. (...) a vimos de saíote e farda com as insígnias de 1º Sargento. Mostrar-se satisfeita e resoluta³⁴.

Desde o momento em que deixou Teresina, em 10 de agosto de 1865, e iniciou sua jornada, Jovita foi seguida diuturnamente pela imprensa das cidades por onde passava. O 2º Corpo de Voluntários do Piauí iria partir de São Luís direto para o Rio de Janeiro; e, com a chegada de Jovita a São Luís, a cidade ficou em festa, conforme foi noticiado pelo Jornal *A Imprensa*. «Com os oficiais que desembarcaram, veio também a cidadã Voluntária, que tem sido objeto da maior curiosidade pública, desde que desembarcou. [...] Na rampa do Palácio, a multidão que ali se havia aglomerado a cercou por tal forma que mal a

32 Cf. Maria Teresa Garritano Dourado, *Senhoras comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai* (Campo Grande: Ed. UFMS, 2005).

33 Para Victoria Baratta é necessário estudar a relação das mulheres dos demais países com a guerra. Baratta, *La Guerra del Paraguay...*, 74.

34 Góes, *Traços biográficos...*, 15.

deixou caminhar»³⁵. Também na Corte, o Jornal *Diário do Rio de Janeiro* publicou sobre a recepção de Jovita em São Luís do Maranhão.

Os maranhenses fizeram a essa patriota, que mais tarde será uma heroína, as maiores ovações. Na sua chegada ali [São Luís], ia ser hospedada em casa do Dr. Juiz de Direito (...), onde se hospedou o comandante, porém o ajudante de ordens da presidência (...) a levou para o seio de sua exma. família, onde recebeu a heroica menina distinto agasalho e foi cumprimentada por inúmeras pessoas³⁶.

A presença de Jovita foi acompanhada ainda por uma série de apresentações artísticas, desde a encenação de uma peça teatral até recitação de poemas em sua homenagem, tudo financiado por conta dos comerciantes da cidade.

Teve ontem lugar o espetáculo dado em honra da voluntária Jovita. Esteve esta, acompanhada de alguns oficiais piauienses, num camarote, que lhe fora oferecido pelo empresário do teatro do qual pendia estendida uma bandeira brasileira. Para ela convergiam todos os olhares. É uma jovem de 17 anos, robusta e esbelta. Tem os cabelos cortados rente, e feições simpáticas e animadas. Trajava calças brancas, saiotê encarnado, e a fardeta e boné de voluntario da pátria, tendo no braço a divisa de 2º sargento [...] ³⁷.

A sua imagem foi sendo gradualmente lapidada pela imprensa, enaltecendo a sua figura, e a província do Piauí ao qual se alistara. Tal processo pode ser observado nas notas do jornal *O Paiz*, de São Luís do Maranhão, que noticiou sobre a sua recepção.

Bravos do Piauí! Orgulhai-vos. Sois dos mais bravos batalhões do Império. Sois dos mais valorosos, sois dos mais heroicos. Acompanha-vos uma heroína. (...) Sim piauienses, esta passagem, virgem nos anais de um povo novo, seja um estímulo para vós. Vede que o sexo frágil vos acompanha. E' a visão de nosso Exército. E' o anjo dos Voluntários do Norte³⁸.

35 «A heroína brasileira». *A Imprensa*, Teresina PI, 16 de setembro de 1865, 3.

36 «Os maranhenses fizeram a essa patriota», *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1865, 1.

37 «A Voluntária», *Publicador Maranhense*, São Luís MA, 25 de agosto de 1865, 2.

38 «Bravos do Piauí! Orgulhai-vos», *O Paiz*, de São Luís MA, 25 agosto de 1865, 1.

Quando o vapor Tocantins chegou a Paraíba, Jovita recebeu de uma Comissão, formada por eméritos notáveis, a «[...] offerta de um custoso annél de brilhantes, como recordação de seus patrícios Parahybanos [...]»³⁹. Em Pernambuco, houve um grande espetáculo, sendo ela convidada de honra do Presidente da Província «dando-lhe um lugar distincto» em seu camarote. Em Salvador, a festa não foi menor, e mais uma vez a imprensa estava lá para divulgar:

A maior novidade que há por aqui é a presença da célebre Jovita Alves Feitosa. (...) Aqui chegando o *Tocantins*, o sr Tenente-Coronel José Lustosa saltou em terra e com ele, mas não sem acanhamento saltou também essa interessante rapariga, que na sedutora idade dos dezoito anos se apresenta ao país inteiro com a única celebridade de seus heroicos sentimentos, Hospedando-se no palácio da Presidência, onde foi recebida com admiração devida a singularidade de seu patriotismo (...) foi por largas horas objeto de imensa especção publica: a praça do palácio converteu-se num grande anfiteatro, e a nova Hermes, em espetáculo para uma multidão de curiosos, apresentando-se de quando em quando nas varandas do paço⁴⁰.

O ponto alto da exploração midiática de Jovita ocorreu mesmo no Rio de Janeiro, onde causou grande agitação. Havia manifestações por parte de artistas, de comerciantes. Muitos foram os que tiveram sua opinião publicada nos principais jornais da cidade. «Patriotismo. Por toda parte onde soa um hino de guerra (...) alistou-se a heroína Jovita, que, a exemplo de seus antepassados, quer também libertar a pátria ou morrer por ela»⁴¹. Os jornais da cidade divulgaram bastante acerca do grande espetáculo montado em sua homenagem:

Teatro de São Pedro de Alcântara. Hoje. Terça-feira. 12 de setembro de 1865. Grande espetáculo em aplauso à chegada do segundo corpo de voluntários do Piauí, onde vem incorporada a jovem heroína brasileira Jovita Alves Feitosa. Hino Nacional—pela orquestra. A atriz Ismênia em caráter militar, e toda a companhia em trajes de voluntários, cantarão o novo hino ‘A Espartana do Piauí’. Drama militar—Recordações da guerra

39 Góes, *Traços biográficos...*, 37.

40 «A maior novidade», *Diário da Bahia*, Salvador BA, 5 de setembro de 1865, 1.

41 Um Patriota, «Patriotismo», *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro 12 de setembro de 1865. 2.

peninsular pela atriz D. Loduvina em caráter de guerreira, será recitada uma poesia alegórica ao ato. O Exmo. Comandante, oficialidade e a jovem heroína dignam-se assistir em camarotes a este espetáculo⁴².

Não apenas o *Diário do Rio de Janeiro* fez divulgações, mas outros jornais, como o *Jornal do Commercio* e o *Correio Mercantil*, também o fizeram. Havia grande preocupação com a relativa queda do apoio à guerra que a sociedade no Rio de Janeiro estava apresentando. O espetáculo então serviria para a já consagrada campanha de conclamação do povo, cuja percepção de alguns dos responsáveis pela mobilização ajudaria na conscientização da importância daquela causa para o país, a conduta de Jovita servia de exemplo real de voluntariado. Logo após o espetáculo, as primeiras manifestações se fizeram presentes nos jornais, conforme atesta o artigo seguinte.

Em saudação à voluntária (...) Jovita, realizou-se anteontem no teatro São Pedro uma récita. Grande foi a concorrência do povo ao espetáculo. Depois cantado um hino dedicado a jovem voluntária, e de recitadas diversas poesias ela foi conduzida à cena no meio de flores que lhe atiravam de todas as partes, e aí recebeu uma coroa de louros, que conservou na fronte durante a noite. Nos intervalos do espetáculo foi (...) continuamente visitada em seu camarote por grande número de cavalheiros e damas, que disputavam quem apertaria a mão a tão intrépida (e) modesta menina⁴³.

Se havia toda essa grande admiração pelo feito de alistamento voluntário de Jovita, igualmente existia no próprio seio da coletividade um forte sentimento de rejeição a tal feito, fato consagrado por outras tantas manifestações de uma parcela da sociedade, que julgava ser a atitude da voluntária motivada por interesse pessoal.

4. Críticas ao alistamento de Jovita e a sua dispensa

Durante a jornada de Jovita surgiram muitas críticas que ganharam projeção nas páginas dos jornais, muitos de seus

42 «Teatro de São Pedro de Alcântara», *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1865, 1.

43 «Notícias diversas», *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1865, 1.

críticos afirmavam que, como mulher, não poderia realizar trabalhos próprio dos homens. Desta forma, muitos se posicionaram contrários a seu oferecimento para ir à luta no Paraguai.

Muitas notas eram discordantes, questionavam suas razões para ir à guerra, suspeitando de suas reais motivações e de seu patriotismo, tido como falso. Algumas pessoas chegaram a afirmar que talvez suas razões estivessem relacionadas a um homem que se alistara e havia seguido para a guerra. No *Jornal do Commercio*, do mesmo dia 14 de setembro de 1865, saiu a seguinte nota de um leitor insatisfeito:

A heroína brasileira. A ofensa mais grave à dignidade dos homens que se prezam e à daqueles que militam é sem dúvida a presença da jovem Jovita Alves Feitosa nas fileiras do 2º batalhão de voluntários do Piauí. Custa crer, porém esse fato infelizmente deu-se, e na atualidade houve m presidente de Província que aceitou semelhante oferecimento dessa senhora; e ainda mais, para galardoá-la mandou dar-lhe o posto de sargento. Desejávamos que o presidente do Piauí nos dissesse em que se firmou para fazer semelhante aceitação e conferir-lhe o posto que mencionamos⁴⁴.

A preocupação do leitor se relacionava tanto à questão da presença de Jovita nas forças armadas, quanto ao fato de ter recebido o posto de sargento, algo que já era relativamente difícil para militares do sexo masculino, que precisavam cumprir um bom tempo de serviço militar para alcançar tal posto. No entanto, a opinião do leitor fazia uma ressalva que mesmo a presença feminina poderia ter alguma utilidade. Havia um hábito, de longa tradição no Exército brasileiro, amplamente consagrado em outras operações militares, que era de se permitir que mulheres dos combatentes seguissem com seus companheiros para os campos de batalha, o que, de certa forma, demonstra um grau de aceitabilidade da permanência de famílias inteiras em zonas de combate:

44 «A heroína brasileira», *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1865, 2.

Nos exércitos em campanha, muitas mulheres, quer de soldados ou não acompanham e prestam, reunidas a eles, serviços úteis como sejam lavar, cozinhar e engomar (...). A mulher poderá servir quando muito para fornecer um ou outro cartucho, um ou outro cantil de água em ocasião de fogo, ao soldado que peleja; mas não poderá jamais lançar mão de um sabre e bater-se quando se apresentarem ocasiões⁴⁵.

Um dos mais severos críticos do engajamento de Jovita ao Exército foi Alfredo d'Escagnolle Taunay, sua reação negativa ao oferecimento da voluntária é uma demonstração de parte importante do meio intelectual brasileiro. Conforme Taunay:

Chegaram os retratos do Viegas, o meu antigo inspetor, e da interessante Jovita que me pareceu muito engraçada nos seus trajes de primeira Sargenta (...) O papel de enfermeira para a mulher que queira dedicar-se é o mais elevado e nobre possível; concilia a dedicação e a conveniência, a abnegação e a dignidade. A piauiense devia considerar tudo isso e em lugar de seus instintos belicosos, lembrar-se de que para uma mulher é mais nobre sanar feridas do que as abrir⁴⁶.

No Piauí, o Jornal *A Imprensa* rebateu uma crítica que havia sido feita por um leitor a Dória, por haver aceitado uma mulher como voluntária:

Alguém censurou S. Excia. o Sr. Doria por ter aceitado uma mulher como Voluntário da Pátria, por te-la feito jurar a bandeira como soldado. Entretanto assim não foi. S. Excia. não fez mais do que dar apreço a um rasgo de patriotismo (...) Dirigindo-se ao Governo S. Excia. disse que essa rapariga, animada como se mostrava do desejo de prestar a sua terra um serviço qualquer, nas atuais circunstâncias, poderia ser aproveitada como enfermeira nos hospitais de sangue, [...] ⁴⁷.

Na edição seguinte o editor do jornal procurou defender o presidente da província justificando a razão pela qual a incorporou. E afirmou:

45 «A heroína brasileira...», 2.

46 Alfredo d'Escagnolle Taunay, *Memórias* (São Paulo: Melhoramentos, 1946), 119.

47 «Alguém censurou», *A Imprensa*, Teresina PI, 28 de outubro de 1865, 1.

[...] a presidência permitiu que Jovita fosse incorporada ao S.º corpo de voluntários da pátria menos com destino á guerra do que aos hospitais-de sangue, para os quais mais de uma pessoa do sexo feminino tem sido aceita por outros presidentes. Esta explicação, que é selada por peças oficiais, basta para mostrar que o ato do Sr. presidente não tem nada de censurável⁴⁸.

Nos jornais do Rio de Janeiro o mesmo aconteceu. A opinião de alguns leitores que viam com bons olhos a possibilidade de Jovita seguir aos campos de batalha era expressa por meio de notas nos jornais ou artigos. Sempre havia quem escrevesse em seu favor. Muitos desses artigos eram rebate às críticas, como um leitor do *Jornal do Commercio*.

[...] ontem apareceu um pequeno artigo em que se censura o procedimento do ilustrado presidente do Piauí por ter aceitado como voluntário da pátria a jovem heroína brasileira Jovita Alves Feitosa (...). O censurante deseja saber em que S. Ex. se afirmou para fazer semelhante aceitação, (...). Recorra à história e verá o presidente justificado. Nada mais simples. E demais, que mal veem à terra em que se aceite para a guerra a uma casta e interessante jovem que outro impulso não teve em seu coração senão o amor pátrio? [...] ⁴⁹.

Essas respostas esclarecem-nos sobre o papel de Jovita para a causa da guerra, qual seja: servir de exemplo pedagógico e instrumento de propaganda que, de certa forma, teve duração efêmera, como se imaginava que também a guerra seria breve. Outros leitores também responderam às críticas.

[...] Vê pois sr. redator, que Jovita não se acha nas fileiras de nosso exército porque seja preciso, mas sim para deixa-la provar que é Brasileira, e que, muito embora mulher, não deixa por isso de ser patriota e de querer também erguer seu braço contra o malvado do Paraguai. Julgo que não deve ser esse o motivo para ser censurado o governo, porque quando na Europa chegar a notícia de que no Brasil uma mulher marchou para os campos de batalha, deverá chegar também a de que essa mulher foi, não porque faltassem brasileiros para defender a pátria, mas sim porque ela pediu para que

48 «A Moderação», A Imprensa, Teresina PI, 11 de novembro de 1865, 1.

49 O justo, «Um grito de reprovação a nova especulação», *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1865, 2.

lhe deixassem descarregar um golpe, ao menos contra aquele que insultou a sua nação. [...] ⁵⁰.

Apesar de toda a campanha de divulgação e os embates nos jornais dos que eram a favor e contra o alistamento de Jovita, uma decisão foi tomada em setembro de 1865 na Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra. A ordem foi baixada, direcionada ao Comandante do Corpo, o Tenente Coronel José Lustosa da Cunha, cujo teor dizia:

Ilmo. Sr. Não havendo disposição alguma nas Leis e Regulamentos militares que permita a mulheres terem praça nos Corpos do Exército, nem nos da Guarda Nacional, ou de Voluntários da Pátria, não pode acompanhar o corpo sob o comando de V. S. com o qual veio da Província do Piauí a voluntária Jovita Alves Feitosa na qualidade de praça (...), mas sim como qualquer outra mulher das que se admitem a prestar junto aos corpos em campanha os serviços compatíveis com a natureza do seu sexo, serviços cuja importância podem tornar a referida voluntária tão digna de consideração, como de louvores o tem sido pelo seu patriótico oferecimento [...] ⁵¹.

Mesmo com a intensa campanha de propaganda em torno do alistamento de Jovita, a sua admissão no Exército foi recusada por tal ato, sendo publicado em ordem baixada pela Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, no dia 16 de setembro de 1865. De certa forma, não se negou a ida de Jovita à guerra. A determinação do Secretário de Estado dos Negócios da Guerra apenas negou o seu alistamento como combatente, talvez daí é que se tenha passado a ideia de que ela, de fato, tivesse seguido para o conflito e servido como enfermeira, nos hospitais de sangue. No entanto, não foi isso o que ocorreu, tal como atestaram os acontecimentos posteriores.

A despeito de já estar consagrada como um ícone, um exemplo a ser seguido naqueles dias para o esforço de alistamento, tal como ficou evidente nas manifestações de solidariedade e apoio à sua iniciativa, não foram suficientes para que o seu apelo fosse ouvido. Mesmo após ser recebida

50 O justo, «Um grito de reprovação a nova especulação», 2.

51 Góes, *Traços biográficos...*, 27.

pelo Imperador Pedro II, em 18 de setembro de 1865, junto ao comandante e os demais oficiais do Corpo de Voluntários da Pátria do Piauí, a decisão de não a incorporar foi mantida.

A fim de amenizar o impacto de sua decisão, o Ministro e Secretário dos Negócios da Guerra ainda lhe escreveu uma carta, cujo ato foi explicar-lhe em «[...] termos os mais dóceis e convincentes [...]»⁵², reafirmando o preceito da lei. Na dita carta, revelava o seu pesar e dizia que a sua compleição e o seu sexo eram «[...] a razão para não poder suportar as fadigas de uma campanha»⁵³. Apreciava e louvava a prova do seu patriotismo e terminava oferecendo os meios necessários para retornar ao seio de sua família.

No presente caso de engajamento de Jovita junto às tropas da Província do Piauí, a atuação de Franklin Américo de Meneses Dória foi bem clara e objetiva. Graças ao seu empenho e determinação, transformou o improvável e exótico alistamento de uma moça do interior do Piauí em uma alegoria exemplar, fornecendo ao país bem mais do que os homens para lutar na guerra, deu ao Brasil um exemplo a ser seguido.

Se quando alistou Jovita, não lhe era dado prever o desfecho dos acontecimentos que culminaram com seu trágico destino, para o Presidente da Província, os momentos iniciais da campanha, pelo contrário, possibilitaram ótimos resultados, em decorrência da jornada gloriosa da Sargento Jovita até o Rio de Janeiro.

As escalas feitas pelo vapor *Tocantins* pelas capitais de Províncias do Norte eram sempre acompanhadas por autoridades locais, além de jornalistas e empresários de entretenimento, perfazendo um verdadeiro circo. A elite do Estado imperial, representada pela figura dos quatro presidentes de Província por onde passou o vapor *Tocantins*, soube tirar proveito da presença de Jovita, se não como atuantes promotores –performance

⁵² Góes, *Traços biográficos...*, 28.

⁵³ Góes, *Traços biográficos...*, 28.

relegada a Dória— mas como coadjuvantes do imenso espetáculo montado, cujo objetivo maior se traduzia na promoção do alistamento militar.

O caso de Jovita foi um dos exemplos que fizeram com que populações dispersas de uma perspectiva nacional, unidas tão somente por laços de lealdade e solidariedade locais, passassem a se sentir mais integradas a uma comunidade social chamada Brasil.

A participação da imprensa no episódio pode ser considerada como máxima, ao que se refere à construção e à popularização da personagem, bem como a distribuição da imagem escrita e idealizada de heroína nacional, para consumo do público. De julho de 1865, quando se apresentou em Teresina, até o dia de sua dispensa no Quartel do Campo da Aclamação, no Rio de Janeiro, em setembro do mesmo ano, Jovita esteve sempre cercada por jornalistas. A dimensão nacional do fenômeno construído somente foi possível graças ao alcance da imprensa, por meio da transmissão das notícias do Norte, por meio da reprodução em órgãos da imprensa na Corte e no Sul.

No Rio de Janeiro, depois de muito festejada, tal como em outras cidades, nos teatros, nos passeios públicos, a autoridade Militar julgou que devia dispensá-la como combatente⁵⁴. Alfredo d'Escragno Taunay elogiou o Ajudante-General do Exército, Marechal de Campo Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, por sua decisão, afirmando que ele era «[...] um homem de muito juízo e bom senso, fez muito bem não consentindo na partida daquela patriota como soldado»⁵⁵.

No Rio de Janeiro, com a sua recusa por parte do Exército, lentamente desaparecia o interesse da mídia por ela. Ainda houve quem escrevesse aos jornais convocando o público a comparecer a um espetáculo, que seria encenado pela empresa

54 O Marechal de Campo Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, que ocupava o cargo de Ajudante-General do Exército, foi quem provavelmente aconselhou Saraiva a recusar o engajamento de Jovita.

55 Taunay, *Memórias...*, 46.

artística administradora do teatro Ginásio, em benefício de Jovita. Enquanto isso, em Teresina, a imprensa, precisamente a ligada ao partido Conservador, tratou de desmistificar o mito criado por Dória, ao consentir o engajamento de Jovita como voluntária⁵⁶.

Jovita ainda retornou ao Piauí, porém sua volta não teve o mesmo glamour de sua viagem de ida à Corte, pois passou, praticamente, despercebida pelos portos em que havia estado. Franklin Dória também já havia sido avisado pelo Conselheiro José Antonio Saraiva que ela retornaria ao Piauí⁵⁷. Ao chegar em Teresina, ficou hospedada na casa de uma família, a pedido do Presidente da Província, enquanto levantava recursos para viajar até a Vila de Jaicós no Sul do Piauí. Quando conseguiu, ao chegar lá, seu pai a recebeu muito mal. Desgostosa, ela regressou à Corte, com os poucos recursos que ainda tinha, para cair no anonimato⁵⁸.

5. O epílogo de uma história: a morte de Jovita

Em fins de 1865, a guerra completou um ano sem haver acontecido uma batalha decisiva que a pusesse a termo. A perspectiva de uma campanha rápida e vitoriosa estava frustrada. Em abril de 1866, os aliados invadiram o Paraguai, aumentando a necessidade de envio de mais contingente para o teatro de operações. Ao mesmo tempo, tomava corpo junto à opinião pública um sentimento de repúdio e negação, pelo modo como era conduzido o alistamento de homens para o conflito. A imprensa, sobretudo a de oposição, passou a tratar o assunto de forma mais crítica, estendendo sua observação às ações do governo em relação à condução militar do conflito.

56 Joaquim Chaves, *O Piauí na Guerra do Paraguai. Cadernos Históricos*, n° 4 (Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1971), 52.

57 «Carta José Antônio Saraiva, Franklin Américo de Menezes Dória Presidente da Província do Piauí», Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1865, Arquivo do Arquivo do Instituto Histórico E Geográfico Brasileiro (IHGB), Rio de Janeiro – Brasil. *Coleção Barão do Loreto*, Lata 171, Livro 01, Cartas Diversas, 1852-1867, 87.

58 Chaves, *O Piauí na Guerra do Paraguai*..., 53.

Quanto à Jovita, sua história acabou se encerrando num trágico episódio, levado a termo por seu suicídio por questões passionais, dois anos depois de todo o percurso que havia feito e divulgado pela mesma imprensa que antes a havia exaltado.

No Piauí, a informação foi publicada nas colunas do *Jornal A Imprensa*, do dia 16 de novembro de 1867, que transcreveu a notícia a partir de outros jornais que, certamente, possuíam como fontes as muitas testemunhas que conviveram com Jovita na Corte. Assim foi dado um destaque completo sobre a história.

Suicidou-se, anteontem, à tarde, na casa da praia do Russel, nº 43, Jovita Alves Feitosa, (...) a mesma que viera para esta Corte com o posto de Sargento em um batalhão de Voluntários da Pátria do Piauí (...). A respeito desse trágico acontecimento e dos motivos que levaram aquela infeliz a dar fim aos seus dias, comunicou-nos a autoridade competente o seguinte: Jovita entreteinha, há muito tempo, relações com Guilherme Noot, engenheiro da Companhia City Improvement, morador com outro engenheiro da mesma Companhia da casa acima. Tendo finalizado o tempo do contrato que Noot tinha com a Companhia, e devendo ele partir anteontem para a Inglaterra, escreveu no domingo à Jovita um bilhete em inglês, no qual despediu-se, participando aquela sua intenção [...] ⁵⁹.

Diferentes jornais do Rio de Janeiro, como o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Correio Mercantil* e o *Jornal do Commercio*, correram sobre sua morte. No *Diário do Rio de Janeiro*, de 11 de outubro de 1867, saiu a notícia de que, na tarde do dia 9, uma moça se dirigira à casa número 43, da Praia do Russel, procurando pelo engenheiro William Noot, que ali residia. Informada por uma criada que o referido engenheiro partira para a Europa, a moça solicitou que lhe fosse permitido o acesso ao quarto do rapaz, para que pudesse escrever uma carta. Algum tempo depois, preocupada com a demora da moça, a criada foi ao quarto para ver o que acontecia. Ao entrar no recinto encontrou a jovem estirada sobre a cama, com um punhal fincado no peito. A suicida deixara um bilhete de

⁵⁹ «Suicidou-se», *A Imprensa*, Teresina PI, 16 de novembro de 1867, 1.

despedida, em que declarava cometer aquele ato de desespero por não poder resistir à separação. Quando da chegada da Polícia, a jovem foi identificada como a voluntária da Pátria que viera do Piauí havia dois anos⁶⁰.

Por sua vez, o *Correio Mercantil* informou que a casa da Praia do Russel, número 43, pertencia ao Tenente-Coronel João Frederico Russel, que a alugara para o inglês Howard, e que este dispusera de um cômodo para alojar o engenheiro Noot em sua estada na Corte. Fora o proprietário do imóvel, João Russel, quem chamara a Polícia. Para lá acorreram o subdelegado da Glória, Dr. Peçanha, acompanhado pelo médico atestador de óbitos, Dr. Goulart, por um escrivão e testemunhas que reconheceram Jovita Alves Feitosa. Foram ouvidas as duas únicas pessoas que estavam na casa no momento do suicídio, um criado e uma escrava de aluguel, que trabalhavam para Howard. Estes declararam que Jovita mantinha há algum tempo relações amorosas com Noot. Disseram também que, ao chegar à residência e confirmar a partida de seu amante, Jovita procurou o quarto do rapaz, pedindo material para escrever-lhe uma carta. Com a Polícia no local, os primeiros exames no corpo revelaram que, nos bolsos do vestido de sarja preta que a jovem usava, estavam o bilhete de despedida da suicida e duas fotografias, alguns escritos, poemas e uma carta do engenheiro, na qual participava a Jovita sua partida a Europa. O bilhete de Jovita dizia apenas: «Não culpem a minha morte a pessoa alguma. Fui eu quem me matei. A causa só Deus o sabe»⁶¹.

No mesmo 11 de outubro, o *Jornal do Commercio* confirmava as demais matérias dos jornais, enfatizando que a carta de Noot fora escrita em inglês e que a jovem não tomara conhecimento do seu conteúdo até ser visitada em sua casa, na rua das mangueiras, por uma pessoa que lhe contou ter seu amante embarcado no paquete *Oneida*, com destino à Inglaterra. Tal informação causou-lhe surpresa e desassossego, segundo uma mulher com quem a moça dividia a casa. Percebendo a aflição de Jovita, tentou, sem sucesso, tranquilizá-la. Às 14h

60 «Suicídio», *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1867, 2.

61 «Jovita», *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1867, 2.

do dia 9 Jovita tomou um carro de aluguel e dirigiu-se à Praia do Russel, com a intenção de não mais voltar, pois se despedira de sua companheira, com quem dividia a casa, dizendo «adeus, até nunca mais»⁶².

No dia 10 de outubro de 1867, Jovita foi enterrada no Cemitério do Caju. O Jornal *Diário do Rio de Janeiro*, do dia 12, publicou uma nota mostrando as condições do enterro, revelando que a situação de Jovita na capital do Império era de abandono.

Essa moça que tanto entusiasmo causou a Província do Piauí e aqui na Corte, que tanto dinheiro deu a ganhar aos fotógrafos que com ela se empenharam para tirar-lhe o retrato e expô-lo à venda, ela que foi vitoriada no teatro São Pedro de Alcântara, em uma noite quando apareceu em um dos camarotes vestida de vivandeira, seria ontem atirada na vala do Cemitério do Caju, se uma mão benfazeja e caridosa não se estendesse a diversas pessoas implorando uma esmola para dar-lhe um enterro pobre em cova separada⁶³.

Os jornais do Rio de Janeiro anunciaram que foram encomendadas duas missas de sétimo dia pela alma de Jovita. Logo após a morte de Jovita, por aproximadamente dois meses consecutivos, foi anunciada, nos jornais do Rio de Janeiro, a venda de um livro que narrava a vida da patriota. Tratava-se de um romance de aproximadamente 92 páginas, impresso em papel de muito boa qualidade, cujo título, *Jovita, ou a voluntária da Morte*. Havia sido um trabalho escrito às pressas, cuja pretensão seria descrever os «traços morais» de Jovita. Custava 1\$000, a renda obtida com a venda do livro deveria ser aplicada em favor da sepultura da voluntária⁶⁴.

6. Conclusão

A responsabilidade pelo abandono de Jovita, de certa forma, pode ser atribuída à imprensa e ao Estado. Após ser recusada pelo

62 «Suicídio», *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro 11 de outubro de 1867, 1.

63 Um também pobre, «Publicações a pedido», *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1867, 3.

64 «Jovita, ou a voluntária da Morte», *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1867, 4.

Exército, sua imagem que havia adquirido dimensão nacional, graças ao alcance dos jornais, pois as notícias provenientes do Norte sobre sua passagem foram reproduzidas nos órgãos de informação da Corte e do Sul do Brasil, foi esquecida por quase dois anos, voltando a ser protagonista dos periódicos da forma mais triste possível, para regozijo dos leitores ávidos por tramas e tragédias.

Não só fotógrafos, empresários do meio artístico, jornais do Piauí, de outras Províncias e da Corte ganharam muito à custa do sacrifício patriótico de Jovita, sobretudo o governo provincial e imperial. Lucraram tanto quanto puderam ao gerar a imensa mobilização nacional com a propaganda de uma voluntária. Alguns protagonistas diretos tiveram a sua própria imagem pessoal projetada, nesse caso, o então Presidente Franklin Américo de Meneses Dória, ao ser reconhecido como um eficiente Presidente de Província. A relação estabelecida entre Dória e as necessidades comerciais da imprensa na Província reafirmou a convergência de interesses de ambos.

É possível afirmar que a romântica e melancólica história de Jovita Alves Feitosa se tornou um exemplo para mostrar como a fusão de interesses entre público e o privado, representado pela mídia, pôde manipular a opinião pública da sociedade, o que reforça a importância dos estudos que privilegiam os temas políticos e sua conexão com o mundo da mídia jornalística, no caso em questão das relações do Império com a imprensa⁶⁵.

A atitude de Jovita em 1865 pode ter sido uma resposta ao clima de confronto que tomou conta da Província; e, certamente, sua atitude frente à agressão paraguaia (com a sua oferta de alistamento) comprova essa ideia, e muito mais a de que muitos homens atenderam ao chamado da guerra nos dias seguintes ao seu embarque para a Corte, influenciados por seu exemplo.

65 Pedro Paulo Soares, «A guerra da imagem: iconografia da guerra do Paraguai na imprensa ilustrada fluminense» (Dissertação Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003), 107.

Fontes Primarias

«A heroína brasileira». *A Imprensa*, Teresina PI, 16 de setembro de 1865.

«Alguém censurou». *A Imprensa*, Teresina PI, 28 de outubro de 1865.

«A Moderação». *A Imprensa*, Teresina PI, 11 de novembro de 1865.

«Suicidou-se». *A Imprensa*, Teresina PI, 16 de novembro de 1867.

«Marquês de Olinda». *Liga e Progresso*, Teresina, PI, 31 de janeiro de 1865.

«Bravos do Piauí! Orgulhai-vos». *O Paiz*, de São Luís MA, 25 agosto de 1865.

«A Voluntária». *Publicador Maranhense*, São Luís MA, 25 de agosto de 1865.

«A maior novidade». *Diário da Bahia*, Salvador BA, 5 de setembro de 1865.

Um Patriota. «Patriotismo». *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro 12 de setembro de 1865.

«Notícias diversas». *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1865.

«A heroína brasileira». *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1865.

«Jovita». *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1867.

«Jovita, ou a voluntária da Morte». *Diário do Povo*, Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1867.

«Os maranhenses fizeram a essa patriota». *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1865.

«Teatro de São Pedro de Alcântara». *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1865.

Bandeira, Luiz Alberto Moniz. *A expansão do Brasil e a formação dos Estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai (Da colonização à Guerra da Tríplice Aliança) Império*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

Baratta, María Victoria. *La Guerra del Paraguay y la construcción de la identidad nacional*. Buenos Aires: Editorial SB, 2019.

Barbosa, Marialva. *História cultural da imprensa. Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

Becker, Jean-Jacques, «A opinião pública». In *Por uma história política*. 2. ed., editado por René Remond. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003.

Brito, Anísio. *Contribuição do Piauí a Guerra do Paraguai*. Teresina: Comepi, 1931.

Calmon, Pedro. *Franklin Dória. Barão de Loreto*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981.

Carvalho, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Castro, Jeanne Berrance de. *A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 a 1850*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

Cerqueira, Dionísio. *Reminiscência da Campanha do Paraguai. 1865-1870*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

Chaves, Joaquim. *O Piauí na Guerra do Paraguai*. Cadernos Históricos, nº 4. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1971.

Costa, Francisco Felix Pereira da. *História da Guerra do Brasil contra as Repúblicas do Uruguai e Paraguay*. Rio de Janeiro: Livraria de A. G. Guimarães & C. 1870. v. 2.

Doratioto, Francisco Fernando M. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- hist.mem., N°. 25. Año 2022, pp. 103 - 137 | 135

Morel, Marco; Barros, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Moura, Denise. «A farda do tendeiro: cotidiano e recrutamento no Império». *Revista de História Regional* vol. 4, nº 1 (1999).

Mugge, Miqueias H. «Antes do mito: Soldados-cidadãos da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul (1850-1873)». *Varia História* vol. 34, nº 64 (2018): 123-164. Doi: <https://doi.org/10.1590/0104-87752018000100005>.

Pinheiro, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997

Queiroz, Teresinha de J. M. *Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo*. Teresina: EDUFPI, 1998.

Richard, Nicolas, Luc Capdevila, y Capucine Boidin, ed. *Les guerres du Paraguay aux XIXe XXe siècles*. París: Colibris, 2007.

Saldanha, Flávio Henrique Dias. «“Deus é grande, mas o mato é ainda maior”: o recrutamento militar no Brasil imperial». *Locus. Revista de História* vol. 16, nº 2 (2010): 175-201. <https://locus.ufjf.emnuvens.com.br/locus/article/viewFile/1058/901>.

Schwarcz, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Silveira, Mauro César. «Os múltiplos papéis do jornalismo brasileiro na guerra contra o Paraguai». *Historiæ* vol. 5, nº 1 (2014): 213-236.

Squinelo, Ana Paula. *A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...: ensino, memória e história de um conflito secular*. Campo Grande: UCDB, 2002.

Squinelo, Ana Paula, org. *150 anos após - a Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Paraguai, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2016, Vol. I, II.

Soares, Pedro Paulo. «A guerra da imagem: iconografia da Guerra do Paraguai na imprensa ilustrada fluminense». Dissertação Mestrado em História. Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2003.

Taunay, Alfredod'Escragnolle. *Memórias*. São Paulo: Melhoramentos, 1946.

Whigham, Thomas. *The Paraguayan War: causes and early conduct, 2nd edition*. Calgary: University of Calgary Press, 2018.

Citar este artículo

Araújo, Johny Santana de. «A guerra do Paraguai e a construção da imagem de uma voluntária da pátria: o caso Jovita Alves Feitosa (1865-1867)». *Historia Y MEMORIA*, nº 25 (2022): 103-137. Doi: <https://doi.org/10.19053/20275137.n25.2022.12835>.